



PERSONAGENS NEGROS NA TURMA DA MÔNICA: IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE

Gabriella de Paiva Ubarana Pires ¹
Alice de Oliveira Xavier ²

RESUMO

As Histórias em Quadrinhos (HQs) são narrativas gráficas que tecem o imaginário do leitor, podendo gerar sensações de representação e identificação com seus personagens. Essa ficção surgiu como uma nova forma de contar histórias e logo tornou-se popular em diversas instituições e, no âmbito educacional, incorporou-se como um recurso para a formação de neoleitores. No Brasil, o sucesso do gênero se deu por obras de Maurício de Sousa, que, retratando nos quadrinhos suas vivências com amigos e familiares, originou um dos maiores nomes da quadrinização brasileira: a Turma da Mônica, com seu famoso quarteto principal - Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão. Recentemente, em 2017, surge uma nova integrante na turma, Milena, menina negra que em algumas histórias se apresenta como parte do elenco protagonista. Jeremias, menino negro, criado em 1960, embora tenha sido um dos primeiros personagens criados pelo artista, atua em um papel de coadjuvante. O presente trabalho pretende, portanto, refletir sobre a relevância da presença de personagens negros para a identificação e empoderamento negro, especialmente, o infantil. A pesquisa é caracterizada como qualitativa e exploratória, apoiada bibliograficamente em McLaren (1997), no que se compreende por identidade cultural como ato de resistência, em Almeida (2019) acerca do racismo estrutural, Eisner (1999), no conceito de História em Quadrinhos, e Amarilha (2009) na sua implicação educativa. O corpus do trabalho se configura em seis HQs em que se tem Jeremias ou Milena como protagonistas (SOUSA, 1987; 2006; 2019; 2020a; 2020b; 2023). Como resultado, tem-se que há uma ausência e apagamento da cultura e identidade negra nas tramas, em que, apesar da presença de sujeitos negros no enredo, falta um maior desenvolvimento dos personagens apresentados, deixando-os mais marcantes e estáveis na turma. Essa superficialidade reforça estereótipos e não explora as experiências, história, cultura e perspectivas da comunidade negra.

Palavras-chave: Identidade, Representatividade negra, Empoderamento, História em Quadrinhos, Turma da Mônica.

1. INTRODUÇÃO

O artigo possui como objetivo refletir sobre a relevância da presença de personagens negros para a identificação e empoderamento negro, especialmente, o infantil, nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. A ausência de efetivação da legislação que torna obrigatório o ensino e estudo da história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, revelando uma resistência por parte das instituições de ensino em proporcionar uma educação que valorize a diversidade cultural brasileira, motivou o interesse das pesquisadoras por essa temática. A Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, gabriella.ubarana.059@ufrn.edu.br;

²Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, alice.xavier.116@ufrn.edu.br



Nacional, tornando obrigatório o ensino desta temática no currículo escolar, foi um marco importante nesse contexto.

A negligência no ensino de conhecimentos culturais relevantes para a maioria da população por parte das escolas tem como resultado a exclusão e marginalização de um segmento significativo da população do país. É de suma importância destacar que mais da metade da população, cerca de 56%, é composta por indivíduos negros e pardos (conforme dados do IBGE, 2021). Essa demografia ressalta a urgência de abordar e valorizar a diversidade étnico-racial em nossos currículos escolares.

Uma estratégia potencialmente eficaz para abordar a lacuna entre a legislação e sua implementação efetiva é o uso de histórias em quadrinhos (HQs). Elas têm uma história rica e diversificada que remonta ao final do século XIX, sendo uma das primeiras HQs reconhecidas o "The Yellow Kid", criada por Richard Outcault em 1895, que apresentava um personagem vestindo um longo vestido amarelo e se tornou um ícone nos jornais americanos da época.

As HQs desempenharam um papel crucial na cultura e na educação ao longo do tempo. Com raízes em formas de narrativa visual que datam de séculos, como gravuras e ilustrações em revistas, as HQs evoluíram para se tornar uma ferramenta de comunicação poderosa. Autores e artistas utilizam as HQs para expressar ideias, valores e questões sociais de forma única. Sua capacidade de envolver leitores de diferentes idades as torna eficazes para transmitir mensagens, educar e influenciar a sociedade, conforme descrito abaixo:

O enquadramento das imagens que se movem através do espaço realiza a contenção do pensamento, ideias, ações, lugar ou locação. Com isso, o quadrinho tenta lidar com os elementos mais amplos do diálogo: a capacidade decodificadora cognitiva e perceptiva, assim como a visual. (Eisner, 1999, p. 38).

Ou seja, as histórias em quadrinhos usam a disposição espacial das imagens e dos quadros para direcionar a atenção do leitor, destacando aspectos visuais e sensoriais, além de sua linguagem acessível para os sujeitos neoleitores. Isso não apenas torna o processo de aprendizado mais envolvente e eficaz, mas também possibilita a percepção dos pensamentos e ideias registrados naquela história, reforçando ou desconstruindo estereótipos, intrínsecos a determinados pensamentos sociais. É devido à multimodalidade das HQs - parte gráfica e escrita - que elas se tornam uma porta de entrada para o mundo literário, pois:

Essa aproximação possível pela composição nas duas modalidades de texto, HQ e literatura infantil, qual seja, o uso de palavras e imagens, representa, portanto, mais um fator que facilita o trânsito entre os textos (HQ e conto), considerando-se a incipiente experiência em leitura dos aprendizes. (Amarilha, 2009, p. 58)

A integração harmoniosa entre palavras e imagens nas histórias em quadrinhos não apenas torna a leitura mais cativante para os jovens leitores, como também enriquece sua

compreensão e interpretação das histórias, bem como sua apreensão da realidade social. Isso ocorre porque “nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, a necessidade de conhecer os sentimentos e as sociedades, ajudando-nos a tomar posição em face deles” (Candido, 1995, p. 183) proporcionando uma plataforma única para os leitores desenvolverem uma visão crítica do mundo ao seu redor. Como resultado, a literatura não se limita a entreter; ela também desempenha um papel essencial em ajudar os leitores a refletir sobre a realidade, considerar diferentes perspectivas e tomar posições informadas diante das questões sociais, culturais e emocionais que encontram em suas jornadas de leitura.

A análise da Turma da Mônica nesta pesquisa se insere nesse contexto, aproveitando a sinergia entre palavras e imagens nas histórias em quadrinhos, aliada à sua imensa popularidade. Criada por Mauricio de Sousa em 1970, a série é um ícone cultural brasileiro, conquistando leitores de diversas gerações e regiões. Com personagens icônicos como Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali, a série se tornou uma fonte valiosa da cultura nacional. Assim, este estudo utiliza a Turma da Mônica para identificar oportunidades narrativas que abordam igualdade e combatem preconceitos raciais.

Nesse contexto, a educação antirracista se beneficia das histórias em quadrinhos, uma vez que essa forma de expressão artística têm, às vezes, o poder de desafiar estereótipos, promover a diversidade, e sensibilizar os leitores para as questões raciais. Ao apresentar personagens diversos, as HQs se tornam aliadas essenciais na luta contra a discriminação racial, haja vista que o enredo “sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui [...] as mulheres, das etnias não brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos” (Zolin, 2005, p. 275). Portanto, a educação antirracista e a literatura se entrelaçam, oferecendo uma ferramenta poderosa para a construção de um mundo mais igualitário e diverso.

Este trabalho foi dividido em quatro seções, começando com a introdução, na qual foram explorados o panorama histórico e social das HQs. Em seguida, na metodologia, descrevemos detalhadamente a abordagem utilizada na pesquisa, fundamentada em McLaren (1997) acerca da identidade cultural como ato de resistência, Almeida (2019) abordando o racismo estrutural, enquanto Eisner (1999) explora o conceito de História em Quadrinhos, e Amarilha (2009) discutindo sua implicação educativa; na terceira seção, serão apresentados os resultados da análise e há uma discussão sobre as HQs influenciarem na promoção da educação antirracista. Por fim, nas considerações finais, constam as conclusões deste estudo.

2. METODOLOGIA

Este estudo descreve uma abordagem qualitativa que se baseia em uma revisão bibliográfica para analisar histórias da série da Turma da Mônica, anteriormente selecionadas, disponibilizadas em canais da plataforma Youtube. Neste contexto, o estudo foi dividido em quatro fases. Inicialmente, realizou-se um minucioso levantamento com o propósito de identificar a presença de personagens negros nas histórias da Turma da Mônica, desde o seu início em 1959, quando era conhecida como ZAZ TRAZ. Em um estágio subsequente, procedeu-se à seleção das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica que seriam submetidas a análises previamente delineadas. Um quadro a seguir apresenta a relação das histórias escolhidas, destacando informações sobre cada uma.

Quadro 1 - *Corpus* do estudo

Título	Edição	Data de publicação
O príncipe que veio da África	MÔNICA. São Paulo: Globo	Maior de 1987
Revista de super-herói	Cebolinha nº 239M	Maior de 2006
A nova amiguinha	Turma da Mônica 2ª Série - nº 45	Janeiro de 2019
Muitas possibilidades	MÔNICA 2ª SÉRIE. São Paulo: Panini, nº. 58	Fevereiro de 2020
Cada anjo no seu quadrado	Turma da Mônica 2ª SÉRIE. São Paulo: Panini, nº 68	Dezembro de 2020
Jerê Pantera	Mônica 3ª Série. São Paulo: Panini, nº 28	Março de 2023

Fonte: elaborado pelas autoras.

Posteriormente, analisou-se as histórias em quadrinhos selecionadas com o intuito de alcançar o objetivo proposto na atual escrita.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Quadrinhos e identidade negra: influência da representatividade

A profunda crueldade da escravidão transatlântica é evidenciada no fato de que os africanos “forçados a cruzar os mares como escravos, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais e religiosas” (Santos; Wielewicky, 2005, p. 291). Esse processo resultou em uma ruptura com suas raízes culturais e religiosas, à medida que foram submetidos a uma forçada assimilação cultural. Durante esse período racista da história, muitos indivíduos de ascendência africana foram compelidos a abandonar suas práticas, crenças e sistemas culturais, em favor da cultura dominante.



Durante um longo período, como ainda é, a narrativa histórica predominante foi marcada por um viés eurocêntrico que negligenciou e subestimou a riqueza das identidades culturais das comunidades negras. Esse processo de apagamento histórico dificultou a compreensão da sua importância na sociedade. O resultado desse cenário é observado no pensamento de Almeida (2019, p. 42):

a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes.

A escola, assim como outros meios, desempenha um papel fundamental na formação da identidade individual e coletiva. Isso ocorre porque a identidade não é apenas algo que se desenvolve de forma natural; ela é moldada pelas influências culturais, educacionais e sociais. No entanto, é importante reconhecer que a identidade não é fixa, mas sim um processo dinâmico que é constantemente construído e contestado.

Neste contexto, uma narratologia pós-colonial se torna crucial, pois

a identidade é definida e é também objeto de luta. Neste sentido, uma narratologia pós-colonial encoraja as pessoas oprimidas a contestarem as histórias fabricadas para elas por "estrangeiros" e a construir contra-histórias que dão formato e direção para a prática da esperança e para a luta por políticas emancipatórias da vida cotidiana. (McLaren, 1997, p. 191)

Ao reconhecer conscientemente as influências que moldam nossa identidade e ao desafiar ativamente as narrativas preconceituosas e opressivas, estamos habilitados a desempenhar um papel significativo na criação de um mundo mais inclusivo e equitativo.

A inclusão de conteúdos que abordam a história e cultura de grupos afro-brasileiros desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e preconceitos, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre as diversas identidades culturais presentes em nosso país.. Através da inclusão, de forma ativa, de materiais que valorizam a rica herança cultural africana, promovemos uma "desintoxicação semântica e constituição de um novo lugar de entendimento das relações consigo, outros e o mundo" (Munanga, 2019, p. 53).

3.2 Análise da representação de personagens negros na Turma da Mônica

A quadrinização de Maurício de Sousa é conhecida por criar personagens inspirados em sua infância e vida pessoal, adicionando uma camada de riqueza e autenticidade às narrativas. Entre esses personagens, Mônica, baseada em sua filha, destaca-se como um exemplo emblemático. No entanto, ao longo dos anos, a representação de personagens negros na série tem sido historicamente limitada, um aspecto que permanece desafiador.

Jeremias, o pioneiro personagem negro a aparecer nas histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, fez sua estreia em 1960, durante os primeiros estágios da revista. Sua trajetória ao longo das décadas é reveladora, refletindo as mudanças nas representações. Inicialmente na sua caracterização incorreu exageros e empregou a técnica controversa do "blackface", que perpetua estereótipos prejudiciais relacionados a personagens negros.

Figura 1: Mudanças de Jeremias durante o tempo



Fonte: Mônica Wiki, 2017

Na década de 1970 ocorreu a primeira reformulação de Jeremias, com a introdução de cores que adicionaram elementos visuais distintos, embora ainda tenha mantido o "blackface". Uma segunda transformação ocorreu em 1980, quando o personagem abandonou definitivamente essa técnica, buscando uma representação mais autêntica. Nesse período, ele adotou o boné vermelho, que permanece como sua marca registrada até os dias de hoje. A mais recente mudança ocorreu nos anos 2000, resultando na versão atual de Jeremias, com ajustes que visam eliminar elementos que pudessem contribuir para estereótipos.

Após a introdução de Jeremias, a Turma da Mônica observou a chegada de personagens negros que, embora importantes e projetados para homenagear figuras icônicas, não ocuparam o centro do palco das histórias originais. Exemplos notáveis incluem Pelezinho, Ronaldo e Ronaldinho, personagens criados para celebrar ícones esportivos, que desempenharam um papel mais independente em suas próprias revistas.

A ausência notável de personagens femininas negras na Turma da Mônica até aquele momento criava uma lacuna significativa na representatividade das histórias em quadrinhos, excluindo temas de relevância. A necessidade de uma representação mais dinâmica e autêntica desses personagens tornou-se evidente. Em 2014, Melissa surgiu como líder de uma banda com um estilo gótico e cabelos azuis, mas seu papel foi limitado e secundário, destacando a questão de que, muitas vezes, personagens negros são vistos como coadjuvantes em relação aos personagens brancos. Em 2017, essa demanda foi parcialmente atendida com a introdução de Milena na Turma da Mônica. Já no universo do Chico Bento, Tábata foi criada

em 2020, marcando um passo simbólico na diversificação do elenco com sua aptidão na capoeira, enriquecendo as narrativas com suas raízes culturais africanas.

Figura 2: Melissa



Fonte: Mônica Wiki, 2019

Figura 3: Milena



Fonte: Mônica Wiki, 2022

Figura 4: Tábata

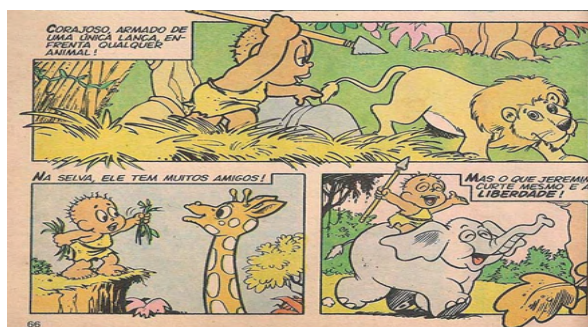


Fonte: Mônica Wiki, 2021

3.3 Análise das narrativas e desenvolvimento de personagens negros na Turma da Mônica

3.3.1 Jeremim, o príncipe que veio da África

Figura 5: Início da história “Jeremim em o príncipe que veio da África”



Fonte: Arquivos Turma da Mônica, 2022

No contexto das histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, o ano de 1987 se destaca com a publicação de uma narrativa peculiar intitulada "Jeremim, o príncipe que veio da África", destinada a retratar a vida do tataravô de Jeremias. Contudo, apesar do título que sugere a nobreza do personagem, a história apresenta uma visão simplista e deturpada da realidade africana. Os cenários utilizados remetem à selva, perpetuando uma concepção limitada da cultura desse continente.

Adicionalmente, a narrativa faz menção à abolição da escravatura, porém, a resolução apressada da trama retrata a Princesa Isabel como a figura redentora, minimizando a complexidade desse momento histórico e subestimando a luta de diversos grupos e indivíduos por seus direitos fundamentais. Essa abordagem negligencia a devida análise das questões sociais, culturais e políticas que surgiram no período pós-emancipação. Portanto, a

necessidade de uma análise aprofundada do racismo estrutural na história de Jeremim é inegável, fornecendo uma oportunidade valiosa para explorar as batalhas enfrentadas pelo personagem desde sua vida como escravizado até as implicações do racismo estrutural, um tema de contínua e inquestionável relevância.

3.3.2 Revista de Super-Heróis

Figura 6: História “Revista de Super-Heróis”



Fonte: NARRA QUADRINHOS, Revista de super-herói | Turma da Mônica. Youtube, 2 de junho de 2023

Essa narrativa, de 2006, destaca questões cruciais de identidade e representatividade para personagens negros. Na história, Jeremias busca se identificar com super-heróis das revistas que lê. No entanto, a escolha do protagonista de se ver como personagens predominantemente brancos ressalta a falta de diversidade e representatividade racial nos heróis das histórias em quadrinhos, tanto na mídia quanto nas próprias histórias.

A narrativa proporciona uma reflexão profunda sobre o impacto da cultura popular na autoimagem das crianças. Ao escolher identificar-se com figuras que não refletem sua própria identidade racial, Jeremias destaca como as representações predominantes podem influenciar a autoestima e as aspirações de crianças negras. A história não apenas destaca a carência de heróis que representam a diversidade racial, mas também desvela a poderosa influência que as narrativas populares exercem sobre a psique infantil. O desejo de Jeremias por conexão com figuras heróicas ressalta a necessidade premente de narrativas inclusivas que transcendam as barreiras étnicas, proporcionando um terreno fértil para a construção de uma autoimagem positiva em crianças de todas as origens.

3.3.3 A Nova Amiguinha

Figura 7: Parte da história “A nova amiguinha”



Fonte: QUADRINHOS DA MÔNICA, A nova amiguinha. Youtube, 8 de novembro de 2020.

Na história que apresenta Milena, tem-se a oportunidade de explorar sua personalidade e aprofundar a preocupação com a representação das meninas. Ela traz consigo uma riqueza de experiências culturais, favorecendo a dinâmica da turma e ressaltando a importância da diversidade nas amizades. Na trama, ela se destaca como entusiasta dos cuidados com os animais, irradiando uma energia contagiante. A personagem estabelece conexões com todos os membros do grupo, imergindo-se nas diversas dinâmicas criadas por Sousa, desde as aventuras do astronauta até a versão mais madura e experiente de Mônica.

A inclusão de Milena na Turma da Mônica, em 2017, representa um passo significativo em direção à representatividade feminina e diversidade étnica na série. Ao surgir como uma das primeiras personagens negras no grupo, Milena reflete o compromisso em abordar com sensibilidade as complexidades de raça e gênero.

3.3.4 Muitas Possibilidades

Figura 8: Milena em “muitas possibilidades”



Fonte: GIBI PARA OUVIR. Milena em: Muitas possibilidades - turma da Mônica. Youtube, 18 de abril de 2021.

Em "Muitas Possibilidades", história estrelada por Milena no mesmo ano, somos conduzidos ao ambiente escolar, onde ela explora suas futuras profissões. A narrativa oferece um vislumbre de suas ambições, que vão desde o sonho de ser astronauta até o desejo de ser artista de cinema. Milena se destaca como exemplo de como a representatividade pode capacitar crianças negras, ao apresentar uma ampla gama de sonhos realizáveis, que

transcende estereótipos. Esse aspecto inspirador da personagem motiva os leitores a acreditarem em seu potencial, encorajando-os a perseguirem diversos objetivos.

3.3.5 Cada Anjo no Seu Quadrado

Figura 9: Angelita e Anjinho na história “Cada anjo no seu quadrado”



Fonte: NANDA WORLD, Milena e Anjinho em Cada anjo no seu quadrado. Youtube, 25 de dezembro de 2020

Na presente narrativa, a mudança de Milena para o bairro do Limoeiro redefine a representação tradicional dos personagens. Em contraste com a típica franjinha associada a anjos, Milena é apresentada com Angelita, uma "anja" negra de cabelos cacheados e olhos pretos, servindo como uma contraparte única para Anjinho - “anjo” branco, de cabelos loiros. Embora essa mudança não persista ao longo da série, a breve presença de Angelina destaca-se como uma escolha deliberada e impactante.

Essa abordagem inovadora não apenas enriquece a trama, como também tem implicações significativas para a identidade de Milena. A presença de Angelita desafia estereótipos ao oferecer uma representação mais autêntica e diversificada, contribuindo para uma narrativa mais inclusiva e reflexiva na série. Embora essa visão alternativa de Milena não seja contínua, sua breve aparição ressalta a importância de explorar novas perspectivas e quebrar moldes tradicionais, promovendo uma representação mais rica e genuína da diversidade humana.

3.3.6 Jerê Pantera

Figura 10 - Início da história “Jerê Pantera”



Fonte: Mônica Wiki, 2023



Na última história, "Jerê Pantera", presencia-se um momento poderoso em que Jeremias se transforma em Pantera Negra, super-herói negro de uma grande franquia. Essa narrativa não apenas destaca a influência significativa dos super-heróis na vida de Jeremias, mas também mergulha nas complexidades da identidade quando ele se depara com um personagem que compartilha não apenas suas aspirações heróicas, mas também sua própria herança racial. Ao conhecer o Pantera Negra, Jeremias é confrontado com um símbolo de força e representatividade negra nos quadrinhos e na cultura popular. A identificação com esse super-herói não é apenas uma expressão de admiração pelas façanhas heróicas, mas também uma busca por um elo mais profundo com sua própria identidade racial.

Nesse momento, Jeremias não está apenas se fantasiando como um super-herói, mas está abraçando uma figura que personifica a excelência e a resistência em um contexto cultural que muitas vezes carece de representação diversificada. "Jere Pantera" não é apenas uma história de fantasia, é um relato inspirador de como a representação positiva na mídia pode impactar profundamente a percepção de uma criança sobre sua própria identidade. Ao se apropriar da persona do Pantera Negra, Jeremias não apenas se torna um super-herói, mas também fortalece sua autoestima, contribuindo para uma narrativa mais inclusiva e enriquecedora na Turma da Mônica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos aprofundarmos nas linhas e entrelinhas da Turma da Mônica sob a perspectiva da educação antirracista, torna-se evidente que essas narrativas transcenderam sua função inicial de mero entretenimento, transformando-se em ferramentas de reflexão. A análise dessas histórias oferece um mergulho na evolução das representações raciais, instigando-nos a questionar as mensagens subjacentes e os estereótipos enraizados que perpassam essas tramas.

A trajetória da representação não escapou de desafios, como a problemática utilização do "blackface" e a simplificação de personagens e contextos históricos. Contudo, é notável o percurso de avanço que as narrativas da Turma da Mônica têm trilhado. A introdução de personagens como Jeremias, Milena e Tábata, embora não isenta de nuances, representa um passo significativo rumo a uma representatividade mais autêntica e diversa. Esses personagens não apenas oferecem modelos positivos, mas também capacitam crianças a se identificarem com narrativas que ecoam suas próprias experiências e aspirações.

A observação das HQs faz um convite à reflexão sobre o impacto profundo das narrativas visuais na construção de percepções e normas sociais. Ao examinar-se a



representação de personagens negros ao longo do tempo, compreende-se que as HQs não são apenas reflexos da sociedade, mas agentes influenciadores capazes de desafiar e transformar visões preconcebidas. Sob a lente antirracista, a sociedade é impelida a considerar o alcance mais amplo das representações e a reconhecer a responsabilidade na criação de histórias que contribuam para uma sociedade mais justa e igualitária. A jornada de Jeremias, Milena e outros membros da Turma da Mônica ressalta que a representatividade é um compromisso dinâmico, demandando aprimoramento e sensibilidade à diversidade de perspectivas. Enquanto celebra-se os avanços, é reconhecida a necessidade de melhorias na construção de narrativas que genuinamente abracem a multiplicidade de experiências humanas.

Promover a educação antirracista desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais igualitária e justa. No contexto das HQs, como as da Turma da Mônica, uma perspectiva antirracista não se limita à diversidade superficial de personagens, mas se estende à análise profunda da veracidade e complexidade de suas representações. Ao adotar uma abordagem crítica para abordar questões de representatividade, estereótipos e preconceitos, capacita-se as pessoas a reconhecerem as complexidades das experiências raciais e a desafiar padrões discriminatórios enraizados em nossa cultura.

Essas considerações finais nos recordam que a representatividade é um compromisso contínuo e dinâmico, pedindo uma abertura constante para o aprimoramento e uma valorização da diversidade de perspectivas na construção de narrativas que verdadeiramente celebrem a riqueza das experiências humanas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AMARILHA, Marly. História em quadrinhos e literatura infantil: a paródia na formação do leitor. **Revista Educação em Questão**, v. 36, n. 22, 2009.
- BRASIL. **LEI Nº 10.639**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: *Vários Escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. Martins Fontes, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** (PNAD Contínua) 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- MCLAREN, Peter. **Unthinking whiteness, rethinking democracy**: Or farewell to the blonde beast; Towards a revolutionary multiculturalism. 1997.
- SANTOS, Célia Regina; WIELEWICKI, Vera H. G. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O.(org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2 ed. Maringá: Eduern, 2005. p. 284-299
- ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2 ed. Maringá: Eduern, 2005. p. 275-283.